LUMINA
Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF
e-ISSN 1981-4070

Para além do pano de fundo:

a operacionalização do Paradigma Relacional da Comunicação

Dôuglas Aparecido Ferreira[1]

Resumo

A partir de meados do século XX, a pesquisa científica no campo da Comunicação foi marcada pelo Paradigma Informacional, estruturado sob a herança teórica de autores como Lasswell, Shannon e Weaver. Em contrapartida a essa visão, no início dos anos 2000, emergiu o Paradigma Relacional da Comunicação (PRC), sistematizado por Vera França, que compreende a comunicação como um processo complexo e contínuo de afetação mútua entre sujeitos, linguagens, contextos e dispositivos tecnológicos. Apesar da robustez teórica dessa matriz, observa-se que, na prática investigativa, os paradigmas são frequentemente tratados apenas como um pano de fundo, distantes da aplicação metodológica. Diante dessa fragmentação, este artigo apresenta uma reflexão teórica com o objetivo de demonstrar as potencialidades do PRC, propondo sua operacionalização como uma matriz analítica. Ancorado na premissa epistemológica da indissociabilidade entre ontologia e método, o estudo argumenta que a compreensão relacional exige uma abordagem empírica correspondente. Para isso, propõe-se um roteiro investigativo estruturado em quatro eixos fundamentais: Sujeitos e reflexividade, Linguagem e produção de sentido, Situação e contexto e Processualidade e potencial transformador. A aplicabilidade dessa proposta é evidenciada por meio da revisão de pesquisas recentes, indicando que os pressupostos do PRC podem ser convertidos em categorias operacionais. Conclui-se que esse movimento fortalece a autonomia epistemológica da área.

Palavras-chave

Paradigma Relacional da Comunicação; proposta metodológica; operacionalização; paradigmas; Vera França.

[1]Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: douglasferreira9@ufmg.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8433-8794

Beyond the background:

the operationalization of the Relational Paradigm of Communication

Dôuglas Aparecido Ferreira[1]

Abstract

From the mid-20th century onwards, scientific research in the field of Communication was dominated by the Informational Paradigm, rooted in the theoretical heritage of authors such as Lasswell, Shannon, and Weaver. In contrast to this perspective, in the early 2000s, the Relational Paradigm of Communication (PRC), systematized by Vera França, emerged, conceptualizing communication as a complex, continuous process of mutual influence among subjects, languages, contexts, and technological devices. Despite the theoretical robustness of this framework, paradigms are frequently treated in empirical research merely as theoretical backdrops, divorced from methodological application. Addressing this disconnect, this article presents a theoretical reflection aimed at demonstrating the potential of the PRC by proposing its operationalization as an analytical matrix. Rooted in the epistemological premise that ontology and method are inseparable, the study argues that a relational understanding demands a corresponding empirical approach. To this end, it proposes an investigative framework structured around four key analytical axes: Subjects and reflexivity, Language and production of meaning, Situation and context, and Processuality and transformative potential. The applicability of this proposal is demonstrated through a review of recent studies, suggesting that the core assumptions of the PRC can be successfully translated into operational categories. Ultimately, this shift strengthens the epistemological autonomy of the field.

Keywords

Paradigma Relacional da Comunicação; proposta metodológica; operacionalização; paradigmas; Vera França.

[1]Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: douglasferreira9@ufmg.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8433-8794

LUMINA
Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF
e-ISSN 1981-4070

LUMINA
Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação
Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF
e-ISSN 1981-4070

Más allá telón de fondo:

la operacionalización del Paradigma Relacional de la Comunicación

Dôuglas Aparecido Ferreira[1]

Resumen

A partir de mediados del siglo XX, la investigación científica en el campo de la Comunicación estuvo marcada por el Paradigma Informacional, estructurado bajo la herencia teórica de autores como Lasswell, Shannon y Weaver. En contraposición a esta perspectiva, a principios de los años 2000 surgió el Paradigma Relacional de la Comunicación (PRC), sistematizado por Vera França, el cual concibe la comunicación como un proceso complejo y continuo de afectación mutua entre sujetos, lenguajes, contextos y dispositivos tecnológicos. A pesar de la solidez teórica de esta matriz, se observa que, en la práctica investigativa, los paradigmas suelen ser tratados como un mero telón de fondo, distantes de su aplicación metodológica. Frente a esta fragmentación, este artículo presenta una reflexión teórica con el objetivo de demostrar las potencialidades del PRC, proponiendo su operacionalización como matriz analítica. Anclado en la premisa epistemológica de la indisociabilidad entre ontología y método, el estudio argumenta que la comprensión relacional exige un enfoque empírico correspondiente. Para ello, se propone una ruta investigativa estructurada en cuatro ejes fundamentales: Sujetos y reflexividad, Lenguaje y producción de significado, Situación y contexto, y Procesualidad y potencial transformador. La aplicabilidad de esta propuesta se evidencia mediante la revisión de investigaciones recientes, indicando que los presupuestos del PRC pueden traducirse en categorías operacionales. Se concluye que este movimiento fortalece la autonomía epistemológica del área.

Palabras clave

Paradigma Relacional de la Comunicación; propuesta metodológica; operacionalización; paradigmas; Vera França.

[1]Professor do Departamento de Comunicação Social e do Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: douglasferreira9@ufmg.br. Orcid: https://orcid.org/0000-0001-8433-8794

Introdução

A pesquisa científica é estruturada por paradigmas (Kuhn, 2020). Na história dos estudos da Comunicação, a trajetória epistemológica foi marcada pela predominância do paradigma informacional, focado na transmissão linear de mensagens e na mensuração de efeitos. Apesar disso, vertentes interacionistas, os Estudos Culturais e as teorias latino-americanas das mediações promoveram importantes avanços críticos no campo. Na tentativa de organizar a compreensão dessas contribuições, Vera França (2001) sistematizou a proposição do que chamou de Paradigma Relacional da Comunicação (PRC). Essa matriz consolidou a comunicação como um processo complexo de globalidade, em que sujeitos, linguagens, contextos e dispositivos interagem e afetam-se mutuamente na conformação da realidade social.

Apesar da robustez teórica do PRC, observa-se que, na prática científica, os paradigmas são frequentemente tratados apenas como um pano de fundo para as teorias. Eles operam como molduras tácitas que raramente são mobilizadas como instrumentos de investigação direta. Diante dessa fragmentação que afasta o pensamento estruturante da prática empírica, emerge a questão central deste estudo: é possível que um paradigma, quando compreendido, consolidado e sistematizado como é o caso do Paradigma Relacional da Comunicação, transcenda a condição de mero arcabouço conceitual e seja operacionalizado como uma matriz metodológica e analítica?

Para alcançar esse propósito, o trabalho visa: (a) demonstrar que os pressupostos básicos do PRC podem ser convertidos em categorias analíticas aplicáveis; (b) superar a visão do paradigma como mero suporte apriorístico; e (c) apresentar uma sistematização analítica desenhada para orientar o percurso investigativo em estudos da Comunicação.

Para dar conta desses objetivos, iniciamos aprofundando a discussão epistemológica sobre a indissociabilidade entre ontologia e método. Em seguida, apresentamos os princípios norteadores e um roteiro sistemático de perguntas-chave que podem ajudar os pesquisadores a aplicarem o PRC como guia analítico. As considerações finais, por sua vez, sintetizam as contribuições dessa proposta para a pesquisa em Comunicação.

Paradigmas científicos e a pesquisa em comunicação: a emergência da perspectiva relacional

Segundo França e Simões (2016), um paradigma reside no âmago do entendimento sobre um determinado domínio. Ele não é uma teoria específica, mas uma estrutura conceitual mais ampla, uma visão de mundo que subjaz e informa a construção de formulações teóricas. Ele é um conjunto de pressupostos básicos,

muitas vezes tácitos, orientador do que é considerado um problema legítimo de investigação e as formas aceitáveis de abordá-lo.

O paradigma é a direção do olhar aceita por um grupo de pesquisadores cujos membros compartilham pressupostos teóricos semelhantes. É o modelo ordenador, a concepção de fundo que estrutura o desenvolvimento de determinadas explicações. Em termos epistemológicos, o paradigma estabelece a base do conhecimento científico em um dado momento, definindo os métodos apropriados para a solução dos problemas em questão. Um paradigma funciona como uma "constelação completa de crenças, valores, técnicas, etc., compartilhada pelos membros de uma dada comunidade" (Kuhn, 2020, p. 147).

Para Kuhn (2020), o paradigma também determina maneiras de imaginar o mundo e de praticar a ciência dentro dele, de modo que investigadores que trabalham sob paradigmas diferentes podem perceber o mesmo fenômeno de maneiras distintas, embora o mundo concreto seja o mesmo para ambos.

Cabe lembrar também que esse trabalho de fazer pesquisa nem sempre é um processo sistematizado. Ele ocorre, muitas vezes, por imersão, de forma tácita e intuitiva (Kuhn, 2020). Por isso, França e Simões (2016) refletem que o paradigma raramente é enunciado explicitamente, e por vezes ele é inclusive invisível, operando como um pano de fundo resultante do próprio processo formativo do pesquisador, do que ele aprendeu e reproduz.

Se no nível individual esses paradigmas operam de forma silenciosa, a trajetória do campo evidencia suas disputas. O paradigma informacional, focado na transmissão linear e na mensuração de efeitos (herança de Lasswell, Shannon e Weaver), mostrou-se incapaz de explicar a agência dos sujeitos e a negociação de sentidos (França; Simões, 2016). Essa limitação, somada às contribuições interacionistas, aos Estudos Culturais e às teorias latino-americanas das mediações, impulsionou a guinada relacional que levou Vera França (2001) a propor o PRC, uma forma de compreender a comunicação como um processo contínuo de coconstituição entre sujeitos, linguagens, contextos e tecnologias.

O PRC compreende a comunicação como um processo de globalidade, uma relação que envolve mutuamente os sujeitos interlocutores, a linguagem, o contexto e os próprios dispositivos comunicacionais. Partindo desse pressuposto, a análise comunicacional vinculada a essa perspectiva busca apreender o desenho das relações, o posicionamento dos sujeitos dentro delas, a dinâmica de produção e interpretação de sentidos em um contexto específico e a força constitutiva da linguagem. O foco analítico se desloca do estudo de efeitos para a compreensão do que os sujeitos estão fazendo na interação que está sendo constituída (França, 2001; 2018).

Nota-se, portanto, que, nesta perspectiva, os papéis de emissor e receptor são vistos como fluidos e interdependentes, e não como categorias fixas e estanques. A comunicação é entendida como um processo circular, recursivo e permeado por

mediações (França, 2001). Essa mudança paradigmática reflete um amadurecimento do campo de estudos, reconhecendo a natureza social, simbólica e interacional da comunicação. Trata-se de um traço ontológico que, a nosso ver, existe em qualquer processo comunicacional, mas é ofuscado por epistemologias que concentram o olhar apenas em um momento específico do processo (a emissão e seus efeitos na recepção) e não no todo.

Compreender a comunicação por meio do PRC implica analisar os desdobramentos que as interações comunicacionais do cotidiano produzem no contexto social mais amplo. A comunicação é vista como uma prática que institui sentidos e relações, o que nos leva a considerar que ela contribui para a conformação da realidade social. É por esse motivo que a análise não deve se limitar ao ato comunicativo em si, mas estender às suas consequências e ao mundo que ajuda a construir.

Outro ponto que norteia o PRC é a compreensão de que qualquer fenômeno depende intrinsecamente do seu contexto. As interações comunicativas são sempre situadas, inseridas em estruturas sócio-históricas particulares, e é nesse cenário que os sentidos são produzidos e interpretados. Este pressuposto nos lembra que as práticas comunicativas não ocorrem no vácuo, mas são afetadas por fatores culturais, econômicos e políticos. A análise comunicacional, portanto, deve estar atenta à inserção das práticas em esferas mais amplas e às correlações que estabelecem com diferentes dimensões da vida social (França, 2018).

Baseando-se em todos os pressupostos apresentados, França (2016), além de defender uma perspectiva relacional, também propõe o conceito de comunicação vinculado a esse paradigma. Para a autora, a comunicação é um processo de globalidade, no qual sujeitos interlocutores, inseridos em uma dada situação e por meio da linguagem, produzem e estabelecem sentidos, conformando uma relação e posicionando-se dentro dela.

Ao propor esse conceito de comunicação, a autora desvia o foco dos efeitos previsíveis e liberta a análise comunicacional da tirania do determinismo. Uma das qualidades dessa concepção de comunicação reside justamente na capacidade de ser estável o suficiente para orientar pesquisas e, ao mesmo tempo, adaptável para se reinventar a cada investigação.

A proposta de França é potente porque destaca a inter-relação entre os elementos do processo comunicativo, enfatizando sua circularidade e globalidade. Para ela, a comunicação é um processo dinâmico que cria sentidos e relações. Isso desafia a lógica binária emissor-receptor e revela a natureza ontológica da comunicação, isto é, um campo de forças onde sujeitos, linguagens, contextos e tecnologias coexistem em interdependências dinâmicas. Isso se aplica a qualquer interação na vida social, todas submetidas ao ato relacional de sofrer e agir, receber e devolver, padecer e modificar.

Em vez de buscar causas primeiras ou consequências últimas (exercício ainda

frequente em muitas pesquisas marcadas por projeções especulativas ou reduções funcionalistas), o PRC fixa-se na ação concreta. Ao insistir que a comunicação é o que de fato acontece (e não o que deveria acontecer ou o que poderia resultar), França desloca a pesquisa para uma esfera pragmática. Ao ancorar-se no concreto, ela revela como a comunicação é, simultaneamente, reflexo e motor da vida social.

O que França nos lega é mais que um entendimento da existência de um paradigma no campo da Comunicação. Seu convite é abandonar a pretensão de dominar o fenômeno por meio de categorias fixas ou entendê-lo como um problema a ser resolvido e controlado e passar a reconhecê-lo como um processo pelo qual, incessantemente, os seres humanos inventam e reinventam o que significa estar juntos. E é nesse terreno de incertezas e possibilidades que o PRC se afirma com um compromisso com a complexidade do mundo.

É por essa imbricação com o movimento do concreto que, a nosso ver, o PRC transcende a condição de mero arcabouço conceitual, como se prestam os paradigmas (Kuhn, 2020), para se afirmar também como um possível trajeto metodológico de uma pesquisa em Comunicação.

Defendemos que, ao ancorar-se na noção de comunicação como processo coconstitutivo, o PRC também apresenta um modo de operação a partir de uma lógica de investigação. Sua força operacional reside na capacidade de traduzir a complexidade relacional em conceitos que podem se tornar categorias analíticas para capturar a comunicação em ato, como um tecido de interações em que sujeitos, contextos e linguagens se entrelaçam no cotidiano.

Embora, por convenção, os paradigmas sejam compreendidos como matrizes invisíveis que balizam pressupostos epistemológicos (França; Simões, 2016), e não como instrumentos metodológicos em si, conforme aqui se propõe, considera-se que o PRC alcança uma singularidade ao superar essa dicotomia. Sua potência reside precisamente na apreensão ontológica de um fenômeno, o que, por conseguinte, o converte em sua própria matriz analítica. Assim, a metodologia deixa de ser uma escolha arbitrária para se tornar um percurso derivado da própria constituição daquilo que se pretende investigar. Essa reflexão está amparada nas ideias de Tonet (2013), que postula uma ligação intrínseca entre ontologia e método, defendendo que a própria natureza do fenômeno determina a forma como ele deve ser analisado. Abordaremos o assunto no tópico seguinte.

Do paradigma à prática investigativa

Tonet (2013) defende que a compreensão do que é um determinado fenômeno social direciona e constitui a própria forma de sua análise. Isso implica que o conhecimento é uma reconstrução teórica do objeto, uma tradução reflexiva de sua existência. Aparentemente, França (2016) alinha-se a essa visão ao sustentar que

a metodologia deve emergir do próprio problema de investigação e da natureza do objeto empírico, rejeitando definições prévias ou dissociadas do contexto da pesquisa. A autora questiona a rigidez de técnicas predeterminadas, ressaltando que um método específico corresponde apenas aos instrumentos, procedimentos, coleta de materiais e estratégias analíticas a serem seguidos em um estudo. Esse percurso, contudo, não pode ser arbitrário, deve ser determinado pela questão que orienta a investigação, construída pelas particularidades do fenômeno estudado e ancorada no campo epistemológico ao qual a pesquisa se vincula.

Esse deslocamento epistemológico exige, entretanto, que se explicite também uma mudança correspondente no próprio conceito de rigor científico. Se o paradigma informacional herdou da tradição positivista a exigência de reprodutibilidade estrita, um paradigma fundado na globalidade e na mútua afetação não pode se submeter ao mesmo critério. Isso não significa abrir mão do rigor, mas redefini-lo nos termos apropriados a uma epistemologia relacional, baseando-se, principalmente, na coerência ontológica (as categorias derivam de forma demonstrável da concepção de comunicação adotada) e na transparência do percurso interpretativo (a possibilidade de reconstruir como e por que uma leitura foi produzida). É a partir desses critérios, e não daqueles importados de uma epistemologia que o próprio PRC busca superar, que a proposta aqui apresentada deve ser avaliada.

Estudar a comunicação sob essa lógica significa assimilar que a própria dinâmica relacional, presente nos processos comunicacionais, se torna uma forma de compreendê-los. É por isso que acreditamos que o PRC tem o potencial de dissolver a fronteira entre o que é estudado e como é estudado.

Negar a possibilidade de aplicação prática do PRC seria concordar com a distinção rígida entre paradigma, teoria e método que, muitas vezes, é uma fragmentação que empobrece o exercício do conhecimento. No entanto, uma área do conhecimento avança justamente quando essas fronteiras são desafiadas. Reconhece-se que as teorias explicam fenômenos de forma sistematizada; mas acreditamos que os paradigmas, quando identificados como o resultado da perspectiva de um determinado tempo, também oferecem lentes analíticas, com a vantagem de serem mais amplas, flexíveis e adaptáveis do que as fornecidas por teorias específicas, favorecendo a análise de fenômenos complexos.

Recorrer ao PRC como método de análise pode ser útil quando o fenômeno a ser analisado envolve diversas camadas de interação e construção de significados. Neste caso, o paradigma operacionalizado oferece uma estrutura mais abrangente para integrar diferentes aspectos que métodos específicos podem não conseguir capturar. Por exemplo, analisar a comunicação em movimentos sociais digitais exige entender as interações on-line e off-line, a formação de identidades coletivas, a influência do contexto político e social, as relações de poder em jogo e as práticas comunicativas específicas do movimento. Além disso, o PRC operacionalizado em um método

investigativo pode fornecer as categorias analíticas necessárias para uma empreitada mais holística. Ou ainda, ao estudar a comunicação em comunidades na internet, em que as normas e dinâmicas relacionais ainda estão se formando, a aplicação do PRC em forma de método de análise pode oferecer um guia para observar e analisar a construção dessas relações sem a necessidade de encaixar o fenômeno em uma metodologia preexistente, que pode não ser adequada.

Por isso acreditamos que um paradigma, longe de ser somente uma moldura que sustenta uma teoria, carrega em si potencialidades metodológicas. Nesse sentido, ele deixa de ser um cenário distante, e às vezes até abstrato, para tornar-se um ator central na produção do conhecimento. Defendemos, portanto, que a ideia de que os paradigmas são meros suportes apriorísticos às teorias e de que somente essas últimas podem ser operacionalizadas, parte de uma visão, a nosso ver, reducionista, visto que ignora a própria complexidade de qualquer investigação. Se um paradigma define quais problemas são legítimos e quais métodos são válidos por um determinado grupo de pesquisadores (Kuhn, 2020), ele já está, por definição, operacionalizando-se.

Essa possibilidade de aplicabilidade dos paradigmas já foi demonstrada em outros casos. As ideias de Marx, por exemplo, não são apresentadas em suas obras como uma teoria. O pensador fornece, na verdade, um conjunto de pressupostos que orientam a compreensão da realidade, transcendendo explicações pontuais para oferecer um quadro interpretativo aberto, conhecido posteriormente como materialismo histórico-dialético. A articulação entre o pensamento paradigmático de Marx e a comunicação elaborada pela Economia Política da Comunicação (EPC) e outros estudiosos como Fígaro é uma demonstração de como este primeiro, embora não seja uma teoria sistematizada, ainda assim pode se tornar um campo de possibilidades analíticas.

Um outro exemplo pode ser verificado na obra de Baldissera (2009), marcada pela aplicação metodológica do Paradigma da Complexidade de Morin no estudo da Comunicação Organizacional. A partir dessa estrutura, Baldissera constrói uma forma metodológica para expandir a compreensão do que estuda, evidenciando que paradigmas podem gerar modos de orientar uma investigação na prática.

O que se propõe aqui é tornar explícita essa possibilidade. Considerar o fato dos pressupostos do PRC serem eles próprios uma trajetória metodológica amplia sua relevância para o campo da Comunicação. Soma-se a essa argumentação um elemento catalisador fundamental: o esforço de França ao não apenas delinear os contornos epistemológicos do PRC, mas forjar um conceito de comunicação intrinsecamente ancorado nele. Ao cunhar a comunicação como um processo de interação entre interlocutores mediado pela linguagem dentro de um contexto, a autora estabelece categorias analíticas (interação, interlocução, mediação, linguagem e contexto) que conferem viabilidade à operacionalização do paradigma, convertendo

seus pressupostos em chaves de leitura para apreender o fenômeno em ato.

Devido à sua maturidade e aceitação no campo, acreditamos que o PRC tem o potencial de transpor a barreira da pura metateoria para se tornar diretriz metodológica, sem para isso trair sua essência estruturante, seu papel de paradigma. Ele mostra que a perspectiva relacional se consolida quando deixa de ser apenas uma visão de mundo para se tornar o próprio modo de desvendar a realidade. Isso não é desvirtuar a função de um paradigma, mas reconhecer que, quando um marco conceitual é suficientemente denso e historicamente situado (como acreditamos ser o caso), ele carrega em si as diretrizes de sua própria aplicação. A insistência em manter paradigmas confinados a um nível abstrato, de mero bastidor, reflete uma visão de ciência como um sistema de hierarquias estanques entre pensamento e prática, um ponto que o próprio Pragmatismo, corrente filosófica que sustenta o PRC, condena. Portanto, do mesmo modo que o PRC é um convite para dissolver as fronteiras entre emissor, receptor, mídia e contexto, compreendemos que ele pode ser também uma oportunidade de borrar as divisões rígidas que estruturam um campo científico.

Cabe pontuar ainda que a aplicação direta de um paradigma como metodologia fortalece a identidade de um campo do conhecimento. Na Comunicação, área em que os pesquisadores frequentemente recorrem à Sociologia, Psicologia, Linguística ou Antropologia para fundamentar análises, a existência de um paradigma próprio operacionalizado pode oferecer uma dinâmica analítica mais genuína. Isso não implica fechamento a outras possibilidades metodológicas ou o apagamento de outras correntes, mas permite que os pesquisadores vinculados ao paradigma em questão desenvolvam uma identidade e acumulem conhecimento de forma sistemática. Em última instância, propor a operacionalização metodológica do PRC é defender a autonomia epistemológica da Comunicação.

Tendo consolidado as premissas teóricas de nossa proposta, o passo seguinte consiste em desdobrar a operacionalização empírica do PRC. Nosso intuito é demonstrar como essa matriz transcende a abstração para guiar estudos da Comunicação.

Uma proposta de orientação metodológica a partir do PRC

Alguns princípios devem ser levados em consideração pelo pesquisador que vislumbre a possibilidade de operacionalizar o PRC. A análise relacional exige foco na dinâmica interacional recíproca entre participantes, linguagem e contexto, superando a visão de elementos isolados (França; Simões, 2016). A comunicação é vista como produção conjunta de sentidos, inserida em uma contextualização ampla que abrange o ambiente imediato e sócio-histórico (França; Simões, 2016). Destaca-se a reflexividade e mútua afetação dos sujeitos (França, 2006), a natureza prática da comunicação como ação humana (França, 2018) e a globalidade do processo (França;

Simões, 2016). Além disso, é importante analisar a dinâmica do poder (França, 2018), a imprevisibilidade e mudança nas relações (França, 2005) e a distinção entre comunicação e informação (França; Simões, 2016).

Após assimilar esses pressupostos como uma primeira etapa, um segundo exercício é estruturar a questão de investigação de forma relacional, ou seja, como um processo recursivo dentro do próprio fenômeno estudado. Seguindo a premissa de França (2001) de que a pergunta de pesquisa é a norteadora metodológica, torna-se importante que essa já encarne a lógica relacional, explicitando a mútua afetação entre os elementos em análise. Um exemplo básico seria: como os processos de produção de sentidos em uma comunidade on-line não apenas expressam identidades coletivas, mas também as (re)criam, transformando a própria estrutura que sustenta a comunidade? Nessa formulação, a recursividade está no fato de que os sentidos não são apenas produtos da interação, mas agentes que interferem continuamente nos sujeitos, nas relações e no contexto que os originaram. Essa circularidade demarcada na pergunta direciona a análise para além de causas lineares, exigindo interpretações capazes de capturar a dinâmica em ato, mapeando como significados emergentes retroalimentam e alteram a tessitura comunicativa. Assim, a pergunta deixa de ser um mero ponto de partida obrigatório para se tornar um dispositivo orientador do tipo de abordagem que será realizada.

O terceiro passo desse percurso investigativo consiste em desdobrar essa abordagem em uma matriz analítica, construída por perguntas-chaves, elaborada e ajustada às especificidades do objeto de estudo. Para ilustrar esse movimento de operacionalização e oferecer um ponto de partida inicial, sugerimos a seguir quatro eixos norteadores. Longe de configurarem um questionário rígido, estas indagações demonstram como as premissas do PRC podem ser mobilizadas na prática investigativa. Tais reflexões podem ser respondidas em seções distintas do trabalho ou articuladas em um único corpo argumentativo desenvolvido mediante as respostas de cada uma delas. São elas:

(I) Sujeitos e reflexividade: o reconhecimento de que a comunicação supõe interlocutores que se afetam mutuamente, antecipando e ajustando suas posições na interação, o que exige mapear tanto os atores quanto a dinâmica recíproca entre eles;

(II) Linguagem e produção de sentido: a centralidade da linguagem como materialidade simbólica em que os sentidos são negociados, disputados e nunca definitivamente fixados, manifestando-se tanto na produção discursiva quanto nos atos comunicativos que a mobilizam;

(III) Situação e contexto: a premissa de que a comunicação não ocorre em um vácuo, mas é sempre situada, de modo que o contexto imediato e macrossocial opera como força ativa que constrange e reconfigura a interação;

(IV) Processualidade e potencial transformador: a globalidade e o poder constitutivo do fenômeno comunicacional, que o impedem de ser compreendido

isoladamente e o tornam capaz de reconfigurar o próprio tecido social do qual emerge.

As categorias analíticas propostas não dividem a comunicação em etapas sucessivas, mas emergem como exigência intrínseca do PRC. Partindo da premissa de Tonet (2013) de que é a natureza do fenômeno que determina a metodologia, elas foram extraídas diretamente do conceito de França (2001) e traduzem os elementos constitutivos da comunicação no PRC: sujeitos, linguagem, situação e processualidade.

Como aprofundamento de cada eixo, apresentaremos a seguir suas principais questões norteadoras e mobilizaremos investigações desenvolvidas nos últimos anos no âmbito do GRIS (Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade - UFMG) [1] para exemplificar sua aplicação. O grupo tem desenvolvido pesquisas que buscam consolidar a perspectiva relacional como uma chave de leitura dos objetos da Comunicação. Ao revisitar esses trabalhos, evidenciaremos como o PRC já atua como um condutor heurístico.

Eixo I - sujeitos e reflexividade

Quem participa da interação? Quais papéis assumem? Como os vínculos se transformam? Como se dá a influência recíproca entre os participantes materializada na adaptação de discursos, na revisão de posições e na reinterpretação das próprias ações a partir da resposta do outro?

Na tese de Sousa (2024), que analisa a 1ª Marcha das Mulheres Negras e das Mulheres Indígenas, o mapeamento de atores é complexo e relacional. A autora observa a dinâmica interacional entre as organizadoras nos espaços de negociação, cujas lideranças transitam entre a militância de base e a atuação em instâncias institucionais de poder. O vínculo entre essas mulheres transforma o que Sousa (2024) chama de "lugar social de imposição" em "lugar social de emancipação" por meio do agir em comum.

A reflexividade constitutiva desses vínculos aparece também na dissertação de Souza (2014) sobre o programa de rádio *Itatiaia Patrulha*. A pesquisadora mobiliza o conceito goffmaniano de *footing* para mostrar como repórter e entrevistado ajustam mutuamente seus discursos. Os entrevistados conformam suas falas antecipando reações e expectativas de repórteres e ouvintes, negociando a própria representação de bandido ou vítima. Já Simões (2004), ao estudar a telenovela *Mulheres Apaixonadas,* capta o mesmo princípio em escala mais ampla. A trama mobiliza expectativas no público, que reciprocamente as articula com sua experiência cotidiana, gerando um movimento circular (sociedade-telenovela, telenovela-sociedade) que reconfigura o ethos moral sobre o amor.

Eixo II - linguagem e produção de sentido

Como os significados são negociados e coconstruídos, explicitando acordos, conflitos e ambiguidades? Quais sistemas simbólicos sustentam essa produção e como se materializam em atos comunicativos concretos (declarações, silêncios, escolhas linguísticas...) que produzem resultados na relação?

A dissertação de Dornelas (2015) ilustra a instabilidade dessa negociação ao investigar a tática Black Bloc. A autora questiona: os atos eram vandalismo, violência, performance política ou resistência? Enquanto a mídia tradicional tentava cristalizar o sentido como vandalismo, ativistas e redes sociais disputavam essa significação mobilizando outros sistemas simbólicos. A mesma disputa por nomeação e enquadramento aparece em Ferreira (2022), que analisa a planilha anônima "Como é trabalhar aí?". Ao descreverem emoções e enquadrarem rotinas abusivas de assédio e sobrecarga de tarefas, os trabalhadores da publicidade produzem um contradiscurso que disputa os sentidos até então fixados pelas próprias agências sobre suas rotinas. Já Silva (2016), ao estudar o "beijo gay" na telenovela Amor à Vida, mostra como o acontecimento midiático instaurou um espaço heterogêneo de discussão, em que públicos favoráveis e contrários negociaram o sentido da homossexualidade mobilizando um repertório de instituições, práticas e valores.

No plano da ação comunicativa, Lana (2007) analisa a performance do apresentador Datena no telejornal *Brasil Urgente*. As escolhas técnicas (*close-ups)* e linguísticas (falar em nome do povo e simular conversas íntimas) constroem um pacto de confiança que forja um compromisso entre a mídia e as classes populares. Vale destacar que o corpus desse estudo se concentra na performance de um único enunciador, o que não implica a perda da perspectiva relacional, mas reforça a ideia de que nem toda investigação exige a mobilização dos quatro eixos. A decisão sobre qual eixo demanda maior aprofundamento é parte do rigor analítico proposto pelo paradigma, sem que isso signifique desconsiderar os demais, que seguem sustentando a perspectiva de totalidade do fenômeno.

Eixo III - situação e contexto

Qual o contexto imediato (espaço, tempo, suporte tecnológico) e sócio-histórico interfere nas possibilidades e limites da interação? Que normas implícitas ou explícitas orientam o comportamento comunicativo dos participantes?

Dias (2022), ao analisar a imagem pública da política Áurea Carolina, demonstra a força do contexto ao cruzar um macroacontecimento (a pandemia de Covid-19) com as eleições municipais. Ele defende que as interações da candidata e sua representação midiática não podem ser lidas fora do contexto que escancarou desigualdades sociais, de gênero e de raça no Brasil. Barroso (2018), sobre a comunidade rural de

Pau D'arco, mostra como o contexto espacial e histórico (a chegada da TV no espaço rural brasileiro) é a própria força que altera as interações cotidianas familiares e comunitárias. Peixoto (2020), por sua vez, evidencia esse mesmo condicionamento em outro registro ao analisar a violência doméstica encenada na telenovela *O Outro Lado do Paraíso.* A autora mostra como a dicotomia histórica entre público e privado estruturou, ao longo do tempo, as relações patriarcais dentro das famílias e que é essa moldura sócio-histórica, e não apenas a interação pontual entre os personagens, que explica os limites de atuação impostos às mulheres nas cenas representadas.

Eixo IV - processualidade e potencial transformador

Como sujeitos, materialidade simbólica e contexto se modificam mutuamente ao longo da interação, a ponto de tornar o fenômeno incompreensível de forma isolada? Em que momentos e por quais processos a interação produz reconfigurações, novos padrões relacionais e redefinições contextuais?

Lobato (2017), ao estudar o Papa Francisco como celebridade, mostra como atributos pessoais, veículos de mídia, valores sociais e reação do público se interconectam a ponto de o fenômeno só existir nesse cenário emaranhado. Já Sepúlveda (2017), ao analisar o quadro "Vai fazer o quê?" do *Fantástico*, articula encenação televisiva, reação dos transeuntes e valores sociais para mostrar como a TV enquadra a injustiça, ora celebrando solidariedade, ora sendo condescendente com discursos hegemônicos. Por fim, Nascimento (2022), sobre a revista Manzuá e as artesãs do Norte de Minas Gerais, mostra que, ao narrarem suas próprias trajetórias, mulheres historicamente subalternizadas escapam do papel de objetos representados e assumem o lugar de sujeitas do próprio discurso, agenciando estratégias de resistência à homogeneização.

Considerações finais

Ao longo dessas reflexões, empreendemos um esforço teórico e propositivo com o intuito de tensionar as fronteiras tradicionais que frequentemente engessam a relação entre paradigma e método. O objetivo central foi demonstrar que o PRC, a partir de sua robustez teórica, possui densidade suficiente para transcender a condição de um mero pano de fundo, consolidando-se como uma matriz metodológica e analítica operante.

Apoiados na premissa de que há uma ligação intrínseca entre ontologia e método, defendemos que a natureza do próprio fenômeno deve determinar a sua forma de investigação. Assim, se a comunicação é, em sua essência, uma teia viva de interdependências, a metodologia aplicada precisa também, de algum modo, emanar essa complexidade relacional, dissolvendo a dicotomia entre o que se estuda e como

se estuda.

A sistematização analítica aqui proposta está ancorada nos princípios do PRC e foi elaborada a partir de perguntas-chave que, a nosso ver, fornecem um roteiro heurístico para o trabalho empírico. Em adição, a revisão das pesquisas desenvolvidas no âmbito do GRIS sugere que os pressupostos básicos do PRC podem ser convertidos em categorias analíticas aplicáveis, indicando seu potencial para capturar as tensões, os acordos e as imprevisibilidades inerentes aos processos comunicacionais.

Acreditamos que uma das principais contribuições deste movimento teórico-metodológico é a afirmação e o fortalecimento da autonomia epistemológica dos estudos da Comunicação. Embora o diálogo interdisciplinar continue sendo essencial, a operacionalização do PRC pode oferecer um eixo unificador e identitário para a área, permitindo que a Comunicação acumule conhecimento de forma sistemática a partir de suas próprias bases ontológicas.

A proposta metodológica aqui delineada não pretende se cristalizar como um modelo fechado, mas estabelece-se como um convite contínuo à comunidade acadêmica para testar, tensionar e refinar esta matriz à luz de novos objetos e realidades. Ao assumirmos o Paradigma Relacional não apenas como uma visão de mundo, mas como o próprio percurso investigativo, sugerimos que a compreensão do que queremos pesquisar pode estar na concretude e no movimento daquilo mesmo que estamos observando.

Por fim, cabe ressaltar que a proposta metodológica aqui sistematizada é um desdobramento das diretrizes já estabelecidas por França (2001, 2005, 2006, 2016, 2018) para a pesquisa na área, focadas na situação, nas intervenções concretas dos interlocutores, nas significações simbólicas e no movimento reflexivo do processo. O objetivo central deste artigo é, portanto, retomar um debate essencial para o campo e defender que a consolidação do PRC permite a sua direta operacionalização analítica. Ao traduzir essas premissas em perguntas norteadoras e exemplos práticos para cada eixo, espera-se fornecer um subsídio aplicado voltado especialmente para orientar as investigações de novos pesquisadores.

Notas

[1] Cabe ressaltar que o GRIS tem consolidado uma profícua tradição metodológica ao articular o Paradigma Relacional com a abordagem praxiológica da noção de acontecimento (França, 2018). Nessa vertente, a operacionalização se dá predominantemente por meio do estudo de eventos de ruptura, englobando etapas analíticas específicas (como descrição, narrativização, caracterização do problema público e configuração de públicos). Embora reconheçamos a relevância e a potência heurística dessa combinação metodológica, o foco deste artigo recai sobre a formulação de uma matriz estrutural e transversal. Nosso objetivo, ao acionar as pesquisas do grupo, não é detalhar a análise praxiológica do acontecimento em si, mas abstrair as dimensões relacionais que atravessam essas investigações, oferecendo categorias aplicáveis a objetos comunicacionais diversos, para além da chave exclusiva do acontecimento.

Artigo submetido em 13/03/2026 e aceito em 04/08/2026

Referências

BALDISSERA, R. Comunicação organizacional na perspectiva da complexidade. **Organicom**, *[s. l.]*, v. 6, n. 10-11, p. 115-120, 2009.

BARROSO, L. M. V**ivendo em Pau D'arco-PI:** interações e transformações midiáticas. 2018. 171 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

DIAS, G. M. **A imagem pública de Áurea Carolina no contexto da pandemia da Covid-19:** uma análise interseccional. 2022. 115 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

DORNELAS, R. C. S. **Com ou sem vandalismo?** Black bloc, acontecimento e disputa de sentido. 2015. 155 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2015.

FERREIRA, D. A. **Como é trabalhar aí?** Um olhar comunicacional sobre trabalho e emoções nas agências publicitárias brasileiras. Tese (Doutorado em Comunicação Social). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

FRANÇA, V. R. V. **Paradigmas da comunicação:** conhecer o quê? Ciberlegenda, [s. l.], n. 5, p. 1-19, 2001.

FRANÇA, V. R. V. Sujeitos da comunicação, sujeitos em Comunicação. In: FRANÇA, V. R. V.; GUIMARÃES, C. (org.). **Na mídia, na rua.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

FRANÇA, V. R. V. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. *In:* T**eorias da comunicação:** conceitos, escolas e tendências. Petrópolis: Vozes, 2006. p. 39-60.

FRANÇA, V. R. V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, C. P.; LOPES, M. I. V. (org.). **Pesquisa em comunicação:** metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2016. p. 153-174.

FRANÇA, V. R. V.; SIMÕES, P. G. **Curso básico de Teorias da Comunicação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

FRANÇA, V. R. V. Discutindo o modelo praxiológico da comunicação: controvérsias e desafios da análise comunicacional. *In:* FRANÇA, V. V.; SIMÕES, P. G. (org.). **O modelo praxiológico e os desafios da pesquisa em Comunicação.** Porto Alegre: Sulina, 2018. p. 89-117.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas.** São Paulo: Editora Perspectiva SA, 2020.

LANA, L. C. C. **Telejornalismo dramático e vida cotidiana:** estudo de caso do programa Brasil Urgente. 2007. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

LOBATO, M. **O Papa é Pop:** o primeiro pontífice latino-americano como centro das atenções. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

NASCIMENTO, R. S. **Até a raiz:** tessitura identitária pelas mestras e guardiãs do Sertão Veredas. 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

PEIXOTO, D. S. **Em briga de marido e mulher:** representações da violência doméstica na telenovela O outro lado do paraíso e valores da sociedade brasileira contemporânea. 2020. 117 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2020.

SEPULVEDA, L. A. A. **Enquadramentos da injustiça:** conflitos morais e éticos na narrativa de "Vai fazer o quê?". 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

SILVA, P. G. **Não foi apenas um beijo:** o acontecimento beijo gay na telenovela Amor à vida e a constituição de públicos. 2016. 163 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

SIMÕES, P. G. ***Mulheres Apaixonadas* e outras histórias:** amor, telenovela e vida social. 2004. 232 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

SOUSA, C. B. **Nas ruas e para além delas:** um olhar comunicacional sobre a 1ª Marcha das Mulheres Negras e a 1ª Marcha das Mulheres Indígenas. 2024. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

SOUZA, F. C. **Entre bandidos e vítimas:** as representações no Itatiaia Patrulha. 2014. 148 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

TONET, I. **Método científico:** uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.